

Sonho de vida melhor acaba nas palafitas

Jornal: A Tarde

Data: 13/03/00

Pag: 7

TEXTO E FOTO
RENATA DAVID

A história é a mesma para a maioria dos habitantes da Invasão de Novos Alagados, situada no Subúrbio Ferroviário de Salvador: vieram do interior da Bahia em busca de oportunidades de emprego e melhores condições de vida. O cenário é formado por inúmeras palafitas construídas sobre o manguezal do Estuário do Rio do Cobre e precários barracos assentados sobre áreas aterradas com entulho e lixo.

Os seus cerca de 14 mil habitantes, segundo dados da Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador (Conder), são na maioria biscateiros, marisqueiros, pescadores, feirantes, empregadas domésticas, lavadeiras. A favela ficou conhecida como Novos Alagados, pois as características das suas habitações – palafitas sobre mangues – são bastante semelhantes às da antiga Invasão dos Alagados, que se tornou um símbolo da miséria e da gravidade do problema habitacional no País.

A insalubridade e a pobreza absoluta também são uma herança do nome de origem. Novos Alagados, para onde migraram muitos dos antigos moradores dos Alagados, é hoje considerada uma das áreas de maior pobreza de Salvador: a renda familiar média, para 35% dos moradores, é inferior a um salário mínimo, conforme expõe o Cadastro Socioeconômico Novos Alagados (AVSI/Conder).

Invasores

A sua origem está especialmente relacionada à construção da Av. Afrânio Peixoto, conhecida como Av. Suburbana, inaugurada em 1971, no governo de



Freqüentemente as crianças de Novos Alagados caem no mangue e algumas morreram afogadas

Luiz Viana Filho. A ocupação do manguezal era a única alternativa de moradia para esses “invasores da maré”. O êxodo rural, que levou milhares de pessoas para as grandes cidades, é uma das importantes causas da expansão desordenada dos centros urbanos e a consequente formação de “bolsões de pobreza”, como é o caso da favela de Novos Alagados. E após três décadas do seu surgimento e muitas modificações que sofreu, continua sendo um exemplo de precariedade e miséria. Estudos da Conder registram um número superior a 350 favelas na cidade de Salvador, onde vivem, aproximadamente, 29% da sua população, cerca de 590 mil pessoas.

O lançamento do lixo e esgotos domésticos no mangue contribui para a destruição da vegetação nativa e pelo elevado índice de mortalidade por doenças. A falta de saneamento já provocou várias mortes por leptospirose, doença transmiti-

da pelo contato do homem com a urina de ratos contaminados. Por isso, alguns moradores amarram sacos nos pés para se proteger. Em maio de 92, foram registrados 60 casos de cólera, em apenas 15 dias.

Perigo

Os riscos não são causados apenas pela ausência de esgotamento sanitário. Andar sobre essas palafitas exige equilíbrio e atenção. Pedacos de paus formam pontes de estrutura precária, o que torna arriscado o trânsito dos moradores. Poucos são os que não têm pelo menos uma cicatriz causada pela queda no mangue. Há registro de mortes, por afogamento e choques elétricos, de crianças que despenham das pontes.

A Sociedade 1º de Maio é uma associação de bairro que, ao longo dos seus 23 anos, atua por meio de trabalhos de educação e profissionalização das crianças e jovens da favela dos Novos Ala-

gados. Inicialmente a sua proposta esteve concentrada na luta por melhores condições de moradia, assim como serviços de água e iluminação. Em 1978, a entidade fundou a sua primeira escola comunitária, a Escola Popular Novos Alagados.

Hoje, com a ajuda de entidades assistenciais e ONGs, a entidade mantém em funcionamento três escolas de educação regular de 1ª a 4ª séries e, por meio do Centro de Profissionalização 1º de Maio (Ceprima), oferece oficinas de artes gráficas, computação, eletricidade predial e industrial, marcenaria, mecânica automotiva, carpintaria e outras especialidades. “A gente tem que se virar produzindo projetos e participando de concursos públicos para levantar recursos”, afirma o presidente da Sociedade 1º de Maio, Idélson Moura de Almeida. Há dois anos com o apoio do Ministério da Saúde, a entidade desenvolve entre os jovens um trabalho de prevenção à DST, Aids e drogas.

Os “favelados da maré”

“Conheço toda a gente/ que deságua nestes alagados/ Não estão no nível de cais/ vivem no nível da lama e do pântano/(...) Gente/ de existência imprecisa/ no seu chão de lama/ entre água e terra indecisa”. Com esses versos, o poeta João Cabral de Melo Neto denuncia a precária vida dos “favelados da maré”. Creuzelita dos Santos, 34 anos, dona-de-casa, viu seus dez filhos crescerem nas palafitas sem muito mudar nos mais de 20 anos em que mora em Novos Alagados.

Nascida em Serrinha, no interior da Bahia, o sonho de Creuzelita é uma casa construída em terra firme. “Não posso sair para arrumar um trabalho e sustentar meus filhos, porque tenho medo de sair e um deles cair e morrer na maré cheia. Acontece isso muito aqui”, afirma Creuzelita, que vive com Otávio dos Santos, desempregado há mais de cinco meses. A saída para essa família é viver dos poucos mariscos que ainda se encontram no mangue, que em virtude da poluição e do desmatamento causados pela instalação da favela, corre risco de extinção. “A gente pesca pra comer. A minha valência são esses mariscos, de vez em quando a gente pega um siri”, completa.

Jerri Uilson, 30 anos, assim como Creuzelita e sua família, vive há muito tempo sobre as palafitas dos Novos Alagados. Tinha apenas 5 anos quando veio, junto com seus pais e irmãos, da antiga Invasão dos Alagados. A diversão, quando menino, era correr nas pontes e jogar bola em cima da maré. Quando chegou a Alagados, diz ter sido discriminado por alguns moradores. “Eles

estavam ocupando um espaço que diziam ser deles e nos viam como forasteiros, matutos, ladrões, maconheiros, prostitutas”, afirma Uilson.

Hoje, beneficiado por um programa habitacional, ele possui uma casa de alvenaria construída em terra firme, o que é um motivo de orgulho. Esse programa foi criado em 1993, em convênio firmado entre o governo estadual, o Banco Mundial, a ONG italiana Associação de Voluntários para o Serviço Internacional (AVSI), a Arquidiocese de Salvador e a Associação 1º de Maio. O Projeto de Recuperação Ambiental e Promoção Social de Novos Alagados, como é chamado, prevê a erradicação das palafitas, urbanização, saneamento básico e implantação de programas de educação ambiental.

Na primeira etapa do projeto, segundo o engenheiro civil e coordenador das obras, Carlos Medici, “foram construídos, aproximadamente, 400 embriões habitacionais em loteamentos urbanizados, para onde foi relocada parte da população da área. A segunda etapa está em processo de licitação e tem previsão para começar no início do próximo ano”. O projeto envolve também a construção de áreas de lazer, centros comunitários e comercial, posto de saúde, bem como a recuperação das escolas da favela, como já foi feito com a Escola Popular Novos Alagados. “Na primeira etapa, aproximadamente 2000 famílias foram beneficiadas, das quais 600 moravam em palafitas”, diz Medici.